

INSTITUTO	
Documentação	
E.O.C.I.A.M.B.I.E.N.T.A.L	
Fonte	<i>gm/Nacional</i>
Data	<i>8/5/2003</i> Pg <i>A5</i>
Class.	<i>72</i>

MEIO AMBIENTE

Mutirão para salvar a Mata Atlântica

Gisele Teixeira
de Brasília

O Ministério do Meio Ambiente quer fazer um mutirão para ajudar a fiscalizar e salvar a Mata Atlântica, um dos biomas mais ameaçados do Brasil e reduzido a 7,6% de sua área original. Hoje, apenas 598 agentes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) são responsáveis por fiscalizar cerca de 100 mil quilômetros quadrados de remanescentes espalhados ao longo da costa do País. "Como comparação, apenas o estado de São Paulo possui 2,4 mil policiais ambientais e 4 helicópteros para monitorar uma área muito menor", diz o coordenador geral de fiscalização ambiental do Ibama, Marcelo Marquesini.

"Só uma postura radical pode reverter este quadro", disse ontem a ministra Marina Silva durante reunião preparatória do I Seminário sobre Fiscalização na Mata Atlântica, que acontece em junho, em Brasília. A proposta é implementar o controle social e dividir a responsabilidade com ongs, a sociedade, e ainda com os estados, por meio de pactos federativos. "O modelo tradicional, só com escritórios do Ibama, não tem atendido a contento", diz o secretário de Biodiversidade e Florestas do

ministério, João Paulo Capobiano.

Com o orçamento enxuto, um dos instrumentos que será utilizado para ajudar na tarefa são os agentes ambientais voluntários, figura jurídica já existente de acordo com resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). São pessoas que, após treinadas pelo Ibama, podem lavrar autos de constatação e ajudar na fiscalização. "Hoje temos 248 voluntários (140 na Bahia), mas ainda é muito pouco", afirma Marquesini.

Outro objetivo é, aos poucos, oxigenar a atual estrutura de fiscalização. Marquesini destaca que, em geral, o quadro é de bons profissionais, mas ele admite que há formação profissional insuficiente e má conduta em alguns casos. "Além disso, o mais comum é uma postura reativa, conforme a demanda, quando o que a gente quer é trabalhar com planejamento a longo prazo", diz. Mas, para isso, essas informações "precisam sair de Brasília e chegar às pontas", ressalta.

Não é à toa, que os novos funcionários para a função são chamados "analistas ambientais". Eles serão os responsáveis por ajudar a fomentar o que o Ibama chama de "inteligência estratégica". "Há uma percepção de que há muitos dados e tecnologia,

mas que a desarticulação das instituições ambientais não permite que eles sejam transformados em informação", destaca Marquesini. Recentemente, o Ibama contratou 650 analistas, sendo que 95 para atuação em Unidades de Conservação da Mata Atlântica, 29 para unidades descentralizadas da Mata

Atlântica e 526 em outros biomas.

Em pesquisa feita pelo próprio Ibama, dos 598 agentes ambientais ligados ao trabalho na Mata Atlântica hoje, a maior parte (63%) está na faixa etária acima de 40 anos; 37%, entre 31 e 40 e apenas 1% entre 20 e 30 anos. Desse total, 351 pessoas têm escolaridade média, 173 possuem curso superior e somente 64 têm o ensino fundamental.



Marina Silva